

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA  
PARTE I – O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA  
1 e 9 de fevereiro de 2023

## PATHS OF GLORY / 1957

um filme de Stanley Kubrick

**Realização:** Stanley Kubrick / **Argumento:** Stanley Kubrick, Calder Willingham, Jim Thompson, segundo um romance de Humphrey Cobb / **Fotografia:** George Krause / **Som:** Martin Muller / **Direcção Artística:** Ludwig Reiber / **Montagem:** Eva Kroll / **Música:** Gerald Fried / **Intérpretes:** Kirk Douglas (Coronel Dax), Ralph Meeker (cabo Paris), Adolphe Menjou (General Broulard), George Macready (General Mireau), Wayne Morris (Tenente Roget), Richard Anderson (Major Saint-Auban), Joseph Turkel (soldado Arnaud), Timothy Carey (soldado Ferol), Peter Capell (Coronel Juiz), Susanne Christian (rapariga alemã), Bert Freed (Sargento Boulanger), Emile Meyer (o padre).

**Produção:** The Bryna Company (Kirk Douglas), James B. Harris / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 85 minutos / **Estreia Mundial:** Nova Iorque, em Dezembro de 1957 / Inédito comercialmente em Portugal.

---

Este foi o filme que impôs (pelo impacto do tema e pelo escândalo) o nome de Stanley Kubrick no meio do cinema e dos cinéfilos.

**Paths of Glory**, para a escrita do qual Kubrick teve a colaboração de Calder Willingham e do conhecido autor de romances policiais Jim Thompson, só pôde ser levado a cabo devido ao tema polémico e susceptível de ter problemas com a censura ainda dominante, graças ao apoio de Kirk Douglas, através da sua companhia de produção, Bryna. O actor voltaria a trabalhar com Kubrick em **Spartacus**, destinado a provocar ainda mais polémica, pois à adaptação de uma obra de um escritor de esquerda, Howard Fast, juntou-se o facto do produtor impor a presença no genérico de um nome vetado, o do argumentista Dalton Trumbo, então na "lista negra" por se tratar de um dos "Dez de Hollywood" que se tinham recusado a prestar informações à Comissão de Inquérito às Actividades Anti-Americanas em Hollywood. Douglas, além de produtor, foi também o intérprete principal dos dois filmes, e em ambos consegue duas das melhores criações da sua carreira. Em particular o seu coronel Dax de **Paths of Glory**, onde aquela tensão interior que se manifesta na críspação do rosto, levada ao exagero em muitos dos filmes, surge controlada e reflecte bem o conflito interior da personagem, que só parece cair em velhos hábitos numa cena fundamental, a do seu encontro final com o general Broulard (Adolphe Menjou), que exigiria, mais do que em qualquer outra, um controle e frieza na réplica ao superior. No confronto, a experiência de Menjou leva a palma ao deslize de Douglas. Repare-se, especialmente, na sua reacção perante a resposta de Dax. Useiro e vezeiro na intriga palaciana e nos jogos de guerra de salão, ele acaba por ver todo o mundo através do seu prisma, o do cinismo e oportunismo, aquilo que na gíria política se chama de "realismo". O seu espanto perante a recusa de Dax em aceitar o lugar do general caído em desgraça, Mireau (George Macready), é legítimo, pois vira-o sempre da sua óptica, julgando estar na presença de um hábil manipulador e carreirista. Mas a surpresa dá imediatamente lugar à condescendência sobre o que nunca deixará de pensar como uma manifestação de imaturidade. A sua ameaça limita-se a um sorriso porque compreende que não virá qualquer perigo da parte de

um "idealista". O final do filme não deixa de dar razão ao general: Dax prepara-se para partir de novo para a frente da batalha, conduzindo soldados que não se distinguem dos três que acabaram de ser fuzilados, num gesto solidário, mas também (adivinha-se) suicida.

**Paths of Glory** enfrentou problemas vários com a censura nalguns países. Obviamente a França teria de reagir. O filme esteve bastante tempo proibido neste país, onde apenas foi visto já na década de 70. Tal atitude da censura francesa não admira, dada a forma como o filme de Kubrick retrata os oficiais superiores do exército francês durante a primeira grande guerra, isto quando o mesmo exército estava metido no vespeiro da Argélia, com a sua imagem posta em causa com as acusações de tortura e massacres. E Kubrick vai mais longe ao usar o hino nacional, a *Marselhesa*, para acompanhar o genérico. Mas se o retrato dos oficiais superiores é apresentado, grosso modo, de forma algo caricatural (Dax é a excepção, mas está no campo oposto), o dos soldados acaba por ser também ou demasiado esquemático, ou estereotipado. Neste caso, em particular, os três condenados que, apesar de escolhidos ao acaso (excepto o cabo Paris, indicado pelo tenente Roget, por ele ter sido a testemunha do seu acto de cobardia no campo de batalha), não deixam de representar os clássicos estereótipos dos filmes de guerra. No primeiro caso, o grupo de soldados franceses que assiste ao deprimente espectáculo da jovem prisioneira alemã obrigada a cantar, com a sua mudança de humor, é um cliché banal do cinema bélico. Kubrick livrar-se-á destas aparas simplistas em **Full Metal Jacket** (ver os dois filmes em paralelo é um exercício interessante para se apreciar a evolução de Kubrick, não só técnica como na posição crítica que ambos os filmes têm face à instituição militar). Em Portugal o filme foi, obviamente, proibido, mas chegou a estar anunciado para estreia (com o título de "Horizontes de Glória", com que acabou por ficar conhecido), tendo sido, inclusive, escolhido para a sessão do encerramento do último Encontro dos Cineclubes nos anos 50, que acabou por ser também proibido pelo regime.

Em **Paths of Glory** encontramos o estilo de Kubrick bem desenhado e afirmado. De certo modo, ele encerra o que poderia ser a fase de afirmação do realizador, com o uso dos *travellings* descritivos (especialmente o que acompanha a visita do general Mireau às trincheiras, onde interroga alguns soldados, entre eles os futuros fuzilados, o que leva os condenados ao poste de execução) e da grande angular (o julgamento, as cenas de batalha). A atenção à fotografia é outra das facetas que se destaca (que é permanente em toda a sua obra), no uso da iluminação (a exploração da luz solar no julgamento e na execução, e das sombras e contrastes nas cenas da prisão e do ataque falhado à trincheira inimiga). Falta-lhe a audácia e em especial a novidade que **The Killing** apresenta, com a sua montagem revolucionária e audácia narrativa, mas constitui, apesar de tudo, um exemplo perfeito do saber de Kubrick.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico